

O HOMEM, animal público

por Mando Martins

DE que o Homem é um animal social, do seu viver diante da Sociedade, resulta que o Homem é um animal público.

Porque Ele não se move diluído, tapado pelo mar social, nunca deixa de pôr a sua individualidade contra ou a favor do todo a que pertence. O Homem vive ora em Sociedade, ora dentro de Si.

Diante dos outros toma atitudes, sinceras ou não, que não são apreciadas pela sinceridade, mas pela perfeição da representação teatral: porque a Sinceridade não se vê; o que se vê e se acredita é o seu correspondente expressional.

Comovem-nos mais as atitudes artificiais duma falsa mãe a chorar no palco com perfeição, a morte dum filho, do que a dor verdadeira e funda em atitudes verdadeiras mas pouco expressivas.

O gesto, manifestação teatral primária dum homem frente doutro, é tam importante como a palavra.

Socialmente, não se leva em conta o correspondente psicológico desta linguagem corporal.

As atitudes públicas, compostas só para os outros e não para si próprio—rarísimos são os homens que representam para si—querem ser exibidas largamente.

Cada um dirige a propaganda de Si, o assunto que mais o interessa é falar de Si, discutir-Se, chamar sobre si as chamas de muitos olhos.

As posições mais teatrais, a política, as artes, são as mais desejadas.

Mesmo quando Ele aplaude alguém num comício, num teatro, numa pose de grande publicidade, não o faz sem se imaginar dentro desta pose, muito visto, vitorioso, e é a si próprio que se aplaude.

Cada um cria sua personalidade, seu tipo dramático, que cogitou nas suas horas interiores para vir representar praça aberta da publicidade. Se se realiza, isto é, se representa com correcção, vence, se não, é um falhado. A Vida Social de cada um é a representação desse tipo, da opinião que tem de si.

Esta atitude pública do Homem, a destacar-se do todo, a afirmar a sua individualidade autónoma, é ainda a preocupação do animal social que se subordina e quer mostrar e dar o seu valor pessoal á colectividade em que vive.

Não há choque entre indivíduo e colectividade, nem dominação d'este para com aquela, mas sim subordinação. Nunca o indivíduo pode sobrepor-se á Sociedade: tem havido dominadores de pátrias, não de sociedades.

Derivante da pose pública do indivíduo perante a colectividade, é a pose perante a história. Quási todos os que conseguiram publicar-se largamente têm a obsecção da opinião que mais tarde a posteridade de si tomará. E' o pesadêlo da publicidade. E até á hora da morte, não a esquecem, arrancando uma última frase composta com sonância e firmeza, que às vezes passa às páginas dos compêndios para decorar nas escolas.

A-par-da pose pública individual, há a pose pública colectiva formada pela consciência de pertencer a um todo homogéneo, o orgulho do valor da colectividade em que vive em face das outras. Aqui o gesto é formidável e poderoso, movem-se nêle as expressões de milhões de indivíduos que constituem uma nação: urgem então os largos movimentos nacionais, e se a pose é afectada, os desvarios de patriotismo e imperialismo.

Nêste caso não é a situação teatral de todos os indivíduos tornados em massa, é também a do indivíduo que isolado, com a consciência da sua colectividade, a simboliza e compõe uma pose colectiva perante as outras colectividades, ou perante outros indivíduos em idêntica atitude de representantes da consciência da sua colectividade. E diz então: nós, portugueses; vós, austriacos...

Dentro da atitude colectiva, a atitude histórica é mais acentuada. Já não preocupa o julgamento dos vindouros porque o **Homem Colectivo** tem sempre a certeza de que o seu tempo é decisivo e capital para a Humanidade, ou pelas colossais realizações que nêle se fazem, ou por ser a preparação delas e que os posteriores não conseguiram sem o seu trabalho preliminar.

E' a preocupação das atitudes que dá parcialidade nos julgamentos que os vivos fazem dos actos dos vivos; o interesse em saber ou provocar certa reacção, (outra attitude), sendo mais justos e desinteressados para com os mortos, para os quaes se nao compoem atitudes.

Esta pose teatral, esta ansiedade de publicar-se é a manifestação de que o Homem reconhece um valor superior e absorvente do seu valor individual.

Carregado pelo pêso do destino histórico, conhecendo que era impossivel criar Ele e durante o seu tempo curto, as obras formidáveis que o esforço dos anteriores lhe entregou construído por si ou trazido de mão em mão das profundidades da história, sente-se lançado numa corrente poderosa, a cumprir o mesmo esforço sem assentimento da sua vontade, dirigido para um fim além de si e do fim que se marcou.

A colectivização do Homem é o aproveitamento do seu valor para utilidade de todos.

Acima desta utilidade tem que haver uma outra—a utilidade histórica: era absurdo e estéril que os homens nascessem para serem úteis uns aos outros: há a dívida a pagar às gerações que trabalharam para nós, com o sacrificio em favor dos que nos seguirem.

A utilidade histórica faz nascer no Homem a necessidade de se estender para lá do seu corpo e tempo prolongando-se pela realização dum esforço duravel.

Quando procura enriquecer-se de conhecimentos e experiências, trabalhando nos seus interesses, útil a si mesmo, é ainda o Homem Individual a servir e aumentar o Homem Colectivo, esforçando-se por fazer de si um Valor prestável á Sociedade.